

MICROSCÓPIO

VAIDADES E AMBIÇÕES

11.V.54

Raul Pilla

“SE a solução dos graves problemas econômicos, financeiros, políticos e sociais, nascidos e alimentados durante este quinquênio, ficar na dependência das vaidades pessoais, empenhadas na disputa duma presidência de conselho ou de uma pasta de ministro, a anarquia em que naufragará o país acabará deflagrando a guerra civil, cujas consequências são de todo incontrolláveis”.

Isto afirmou, em seu artigo de há vinte dias, «O Estado de S. Paulo». Para elle, o sistema parlamentar instalaria no Brasil uma grande feira de vaidades. Infelizmente, é a vaidade um vício próprio do homem e até de algumas espécies animais. Maior talvez no sexo feminino que no masculino, no seio deste é particularmente pronunciada entre os artistas e, embora em menor grau, entre os políticos. Com a vaidade, com o amor próprio, com a ambição dos homens é preciso contar sempre.

Assim sendo, haverá na prática do sistema parlamentar maior estímulo à vaidade, que na do sistema presidencial? Não haverá, com este, muita gente que alimente o desejo de ser presidente, ministro, governador, secretário? Não se perpetram agora tantas indignidades para alcançar tais postos e, sobretudo, para os manter?

A vaidade, portanto, é inseparável do homem. Mas razão, muita razão tem o grande jornal paulista: o sistema político pode influir-lhe nas manifestações.

Assim, de alto quilate é a vaidade que se põe em jôgo no sistema parlamentar: é a vaidade de ser chamado ao governo a fim de resolver problemas de governo. Quem para elles não tenha solução, e não seja capaz de a defender e pôr em efeito, não pode alimentar semelhante vaidade. Para o compreender, basta considerar a alta dignidade da vida política no sistema parlamentar da Monarquia, o que, por si só, invalidaria a tese do jornalista.

No sistema presidencial, que há mais de sessenta anos estamos praticando, é vaidade degradada a que viceja. É mais ambição de mando, do que propriamente vaidade de mandar; ambição desnuda, grosseira. Sabe, por exemplo, o ministro que não passa de servo e nada vale sem o beneplácito do amo; satisfaz, porém, a sua triste ambição, porque elle também se faz amo dos que lhe estão subordinados, enquanto o senhor supremo não lhe reivindica a autoridade. Não será, acaso, instrutivo o espectáculo que está oferecendo o mais rico e culto Estado da Federação? Não há ali uma elegante feira de vaidades, porque a transformaram numa arena, em que as mais grosseiras e ferozes ambições se degladiam.

Não se impressionará com tal espectáculo o jornalista, em cuja escaldada imaginação a simples disputa de uma presidência de conselho ou de uma pasta de ministro gerará a anarquia que levará o país à guerra civil?